

Lembrar para resistir: perspectivas femininas da última ditadura chilena em *Para que no me olvides*, de Marcela Serrano

Recordar para resistir: perspectivas femeninas de la última dictadura chilena en Para que no me olvides, de

Marcela Serrano

Isis Milreu

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Campina Grande – Paraíba – Brasil

Resumo: Atualmente, observamos que muitas escritoras contemporâneas latino-americanas estão se dedicando à ficcionalização da história de nosso continente, especialmente, ao período das últimas ditaduras do século XX. A chilena Marcela Serrano é uma das autoras cuja escritura é permeada pela temática ditatorial, uma vez que este assunto é ficcionalizado de distintas perspectivas em seus romances. Neste estudo examinamos a sua segunda ficção, *Para que no me olvides* (1993), objetivando analisar como as protagonistas resistiram a este cruel episódio. Inicialmente refletimos sobre a produção literária de escritoras latino-americanas que abordam a temática ditatorial, particularmente, no Chile. Em seguida, contextualizamos a última ditadura chilena. Por fim, apresentamos nossa leitura do romance *Para que no me olvides*, discutindo como as personagens femininas enfrentaram o golpe do Estado de 1973 e as suas consequências. Entre os nossos referenciais teóricos destacam-se os estudos de Ricouer (2007), Brancher (2013), Guardia (2013), Figueiredo (2017) e Zolin (2019). Concluímos que a leitura de obras literárias de temática ditatorial escritas por mulheres latino-americanas é um caminho produtivo para exercer o nosso dever de memória, contribuindo para que as violações de direitos humanos não sejam esquecidas e, quiçá, não se repitam, bem como para ampliar nossas percepções desses acontecimentos atroz.

Palavras-chave: Literatura latino-americana contemporânea de autoria feminina. Dever de memória. Mulheres, ditadura e trauma. Resistência. Marcela Serrano.

Resumen: Actualmente, observamos que muchas escritoras contemporáneas latinoamericanas se dedican a la historia de nuestro continente, especialmente, al período de las últimas dictaduras del siglo XX. La chilena Marcela Serrano es una de las autoras cuya escritura es permeada por la temática dictatorial, una vez que este asunto es ficcionalizado de distintas perspectivas en sus novelas. En este estudio examinamos su segunda ficción, *Para que no me olvides* (1993), objetivando analizar como las protagonistas resistieron a este cruel episodio. Inicialmente reflexionamos sobre la producción literaria de escritoras latinoamericanas que abordan la temática dictatorial, particularmente, en Chile. En seguida, contextualizamos la última dictadura chilena. Por fin, presentamos una lectura de *Para que no me olvides*, discutiendo como los personajes femeninos se enfrentaron al golpe de Estado de 1973 y sus consecuencias. Entre nuestros referenciales teóricos se destacan los estudios de Ricouer (2007), Brancher (2013), Guardia (2013), Figueiredo (2017) y Zolin (2019). Concluimos que la lectura de obras literarias de temática dictatorial escritas por mujeres latinoamericanas es un camino produtivo para ejercer nuestro deber de memoria, contribuyendo para que las violaciones a los derechos humanos no sean olvidadas y, quizás no se repitan, así como para ampliar nuestras percepciones de esos acontecimientos atroces.

Palabras clave: Literatura latinoamericana contemporánea de autoría femenina. Deber de memoria. Mujeres, dictadura y trauma. Resistencia. Marcela Serrano.

«Las heridas de la dictadura chilena no se van a cerrar nunca en mi generación.»
(Marcela Serrano, 2016)

1 Introdução

Através de um levantamento das publicações dos últimos quarenta anos constatamos que muitas autoras latino-americanas, principalmente do Cone Sul, estão se debruçando sobre a temática ditatorial desde o final do século XX até os dias atuais. Uma das possíveis explicações para esse fenômeno é o fato de que as atrocidades cometidas pelas ditaduras vigentes em nosso continente no século passado marcaram a vida dessas escritoras e, conseqüentemente, a sua geração, conforme exposto na epígrafe que inaugura nosso estudo, retirada de uma entrevista da literata chilena Marcela Serrano.

Observamos que atualmente há disputas de narrativas oficiais sobre os períodos ditatoriais que vigoraram na América Latina. Inclusive alguns repressores até negam as violações aos direitos humanos consumadas durante esta época apesar dos inúmeros registros e testemunhos dessas barbáries. Nesse contexto, vale a pena lembrar que em “Tempo passado”, Beatriz Sarlo (2007) afirma que o exercício da memória é um dever no nosso continente e que julga ser mais importante entender do que lembrar.

Acreditamos que compreender e recordar as atrocidades cometidas durante as ditaduras são tarefas essenciais para evitar que estes episódios se repitam. Notamos que as artes, particularmente, a literatura, desempenham um relevante papel na preservação de nossa história. Nesse sentido, consideramos fundamental escutar e dar visibilidade às vozes das mulheres que ficcionalizaram a ditadura desde diferentes perspectivas.

Interessa-nos registrar que as obras de escritoras latino-americanas foram marginalizadas durante anos. Percebemos que o reconhecimento da literatura produzida por mulheres é recente e deve-se, em grande parte, ao trabalho da crítica feminista, a qual protagonizou ações de resgate, divulgação e ressignificação dessa escritura. Assim, estudar as narrativas de autoras latino-americanas, especialmente aquelas dedicadas à ditadura, é uma forma de dar voz

a um grupo que foi historicamente silenciado e ampliar nossa visão sobre esse atroz período de nosso passado.

Paul Ricoeur (2007), em *A memória, a história, o esquecimento*, postula que os acontecimentos violentos que marcaram as trajetórias das nações formam feridas que precisam ser curadas por meio do luto e do trabalho da memória. Em outras palavras, sustenta que para superar o trauma é necessário recordar as experiências dolorosas. Para o autor, precisamos exercer o nosso dever de memória, ou seja, “[...] o dever de fazer justiça pela lembrança, a um outro que não o si.” (RICOEUR, 2007, p. 13).

Por sua vez, na introdução ao livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, Eurídice Figueiredo (2017, p.13) explica que “[...] todo o trabalho de investigação e divulgação do que ocorreu nos porões da ditadura é um dever de memória em relação às vítimas, a seus familiares e à sociedade em geral.” Esta premissa justifica a realização do presente estudo, pois pensamos que é significativo examinar as narrativas de autoria feminina sobre o período ditatorial latino-americano para entender essa época de forma mais ampla. Além disso, julgamos que a escrita e a leitura desses livros podem ser vistas como atos de resistência aos horrores cometidos durante os regimes ditatoriais. É importante assinalar que

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir. (BOSI, 2002, p.118)

Nessa perspectiva, investigar a literatura de autoria feminina latino-americana que aborda a temática da ditadura é uma excelente oportunidade para exercer o nosso dever de memória. Também é uma estratégia de resistência às falaciosas versões conservadoras sobre os acontecimentos cruentos deste período que tentam criminalizar ou invisibilizar as vítimas dos governos ditatoriais.

Interessa-nos destacar que em *Historia, memoria y novela en la Argentina de la posdictadura*, María Soledad Paz-Mackay (2017) propõe a

substituição da expressão “romances de ditadura” por “romances com tema de ditadura.” A autora sustenta que essa mudança possibilita a ampliação do rol de obras que abordam o assunto porque abarca as ficções que foram escritas após o período ditatorial vigente no século XX e que discutem suas consequências. Neste trabalho, adotamos esta definição, pois nosso corpus é o romance *Para que no me olvides* (1993), da autora chilena Marcela Serrano, o qual foi publicado depois da última ditadura vigente no Chile (1973-1990) e problematiza os desdobramentos deste funesto episódio a partir da visão de personagens femininas. Desse modo, objetivamos examinar as estratégias de resistência adotadas pelas protagonistas para enfrentar o golpe de Estado de 1973. Cabe frisar que a escolha de uma narrativa de Serrano deve-se à constatação de que ela é uma das autoras latino-americanas mais relevantes na contemporaneidade. Ademais foi marcada pelo regime ditatorial chileno, conforme está registrado na epígrafe desta introdução, e exerce o seu dever de memória em suas ficções.

Serrano nasceu em Santiago, capital do Chile, em 1951. É filha da romancista Elisa Pérez Walker e do ensaísta Horacio Serrano. Devido à sua oposição à ditadura foi perseguida e exilou-se em Roma depois do golpe de 1973. Retornou ao Chile somente em 1977 e se licenciou em Belas Artes. É autora de uma vasta obra, composta por romances, contos e uma narrativa infantil. Seus livros foram traduzidos para vários idiomas e obtiveram alguns prêmios. Dentre os galardões recebidos por Serrano destacam-se o Prêmio Santiago de Chile Los Andes (1991) e o II Prêmio Sor Juana Inés de la Cruz (1994) por seu primeiro romance: *Nosotras que nos queremos tanto*. O seu segundo livro, *Para que no me olvides*, também foi reconhecido com os prêmios Santiago de Chile Los Andes (1993) e o Prêmio Municipal de Literatura (1994). Além disso, o romance *Antigua vida mía* (1995) foi adaptado ao cinema e a autora foi finalista del Premio Planeta (2001) com *Lo que está en mi corazón*.

O presente trabalho está dividido em três partes. Inicialmente refletimos sobre a produção literária de autoria feminina latino-americana sobre a temática da ditadura, particularmente, no Chile. Em

seguida, contextualizamos o último período ditatorial chileno. Por fim, apresentamos nossa leitura do romance *Para que no me olvides* examinando a caracterização de suas protagonistas e suas estratégias de resistência aos desdobramentos do golpe de Estado de 1973.

2 Reflexões sobre a literatura de autoria feminina latino-americana de temática ditatorial

Observamos que os estudos sobre a literatura de autoria feminina ampliaram-se nas últimas décadas. Historicamente, a tradição literária produzida por mulheres começou a ser reconhecida apenas nos anos de 1970 a partir dos estudos da crítica feminista. Lúcia Ozana Zolin (2019, p.319) em “Literatura de autoria feminina” afirma que até esse momento, o cânone literário era “[...] constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos, etc.” Assim, a resignificação da literatura escrita por mulheres representou uma relevante transformação no âmbito literário, gerando a problematização do cânone, entre outros questionamentos.

Em “Literatura e escrita feminina na América Latina”, a pesquisadora peruana Sara Beatriz Guardia (2013) reflete sobre a trajetória desta produção literária em nosso continente. Para a estudiosa, a tradição da escritura de autoria feminina latino-americana pode ser dividida nos seguintes momentos constitutivos:

[...] a literatura fundacional; que rompe o silêncio no século XIX; a vanguarda literária artística da década de vinte; o começo de um longo caminho. Escritoras dos anos cinquenta e sessenta; a liberação através da palavra; e o desafio ao futuro sobre a produção literária do século XX. (GUARDIA, 2013, p.16-17)

A citação evidencia que a literatura escrita por autoras latino-americanas apresenta uma larga e produtiva história, visto estar presente desde a época colonial até os dias atuais. Contudo, Guardia (2013) ressalta que nossas escritoras começaram a ser

reconhecidas somente nos anos de 1980 após a publicação de romances de quatro autoras: duas chilenas, Isabel Allende e Marcela Serrano, e duas mexicanas, Ángeles Mastretta e Laura Esquivel. Interessa-nos destacar que Allende e Serrano produziram várias narrativas que versam sobre a última ditadura vigente no Chile, inclusive as primeiras obras que promoveram sua visibilidade no final do século passado. Portanto, constatamos que esta temática aparece nas ficções das escritoras chilenas há décadas.

Verificamos que, atualmente, vários críticos apontam que estamos vivenciando um boom da literatura escrita por mulheres em nosso continente. Dentre as múltiplas vertentes desta produção literária, notamos a sobressalência da ficcionalização das ditaduras latino-americanas vigentes no século XX, particularmente, nas produções de autoras de três países do Cone Sul: Argentina, Brasil e Chile. Sobre esse assunto, no artigo “Ser revolucionária e escritora durante os últimos governos ditatoriais no Cone Sul – o gênero nas letras”, Ana Brancher (2013) informa que muitas autoras latino-americanas foram duramente atingidas pelos golpes de Estado que ocorreram na região nas últimas décadas do século XX. Por isso, diversas escritoras debruçaram-se sobre a temática ditatorial em suas ficções. Como vimos, a literatura de autoria feminina está passando por um processo de reconhecimento, mas é relevante recordar que

Entre 1960 e 1990, apenas uma escritora do Cone Sul obteve grande repercussão internacional: a chilena Isabel Allende (*La casa de los espíritus*, 1982); em menor escala e um pouco mais tarde, a também chilena Marcela Serrano (*Nosotras que nos queremos tanto*, 1991). (BRANCHER, 2013, p.171).

O fragmento explicita a sobressalência da literatura de autoria feminina chilena. Também é interessante registrar que os dois romances citados abordam a última ditadura no Chile. Além dessas obras, Brancher (2013) identificou diversas ficções dedicadas à temática ditatorial na Bolívia, no Brasil, no Chile, no Paraguai e no Uruguai escritas por mulheres. Segundo a pesquisadora, é importante estudar essa produção, pois “[...] os romances se constituíram num vigoroso

veículo de circulação de ideias e de registro que nos permite tentar compreender como era o cotidiano e a militância política de oposição e resistência durante ditaduras no Cone Sul.” (BRANCHER, 2013, p.172). Acrescenta que

A resistência das escritoras aos governos ditatoriais se deu de muitas maneiras: organizando passeatas, manifestações, buscando apoios de governos de outros países, denúncias dos crimes cometidos pelos agentes da ditadura, e, claro, escrevendo romances. Através da leitura dos romances dessas escritoras – que abordam tanto as formas de organização da resistência, dos sofrimentos, conflitos, situações muitas vezes enlouquecedoras, as subjetividades, as torturas, o sequestro de bebês nascidos na prisão –, temos acesso à possibilidade de compreensão do que foram os regimes ditatoriais de uma maneira que muitas vezes não “aparece” nas fontes oficiais, nos documentos de época, nem mesmo nos jornais ou depoimentos. (BRANCHER, 2013, p.185).

O fragmento sinaliza a importância de estudarmos as narrativas de temática ditatorial de autoria feminina para ampliarmos nossa percepção sobre os cruentos acontecimentos desse período de nossa história. Ademais, julgamos que é uma excelente oportunidade para exercer o nosso dever de memória, conforme postulado por Ricouer (2007). A fim de contribuir com essa tarefa apresentamos um breve panorama dos romances escritos por mulheres no Chile que abordam a ditadura implantada após o golpe de Estado de 1973. Cabe frisar que este levantamento não pretende abarcar todos os romances produzidos por autoras chilenas sobre o assunto, mas apenas ilustrar a trajetória desta vertente literária no país.

Verificamos que os primeiros romances de temática ditatorial escritos por autoras chilenas foram *La casa de los espíritus* (1982) e *De amor y de sombras* (1984), de Isabel Allende; *Lumpérica* (1983), *Por la patria* (1986), *El cuarto mundo* (1988), *El padre mío* (1989), *Los trabajadores de la muerte* (1998), de Diamela Eltit. Allende ainda incursionou nesta temática em *Largo pétalo del mar* (2019) e *Violeta* (2021). Eltit também voltou ao assunto em outros romances, tais como *Mano de obra* (2002), *Jamás el fuego nunca* (2007) e *Impuesto a la carne* (2010). Outra autora chilena pioneira que se debruça constantemente sobre

o período ditatorial de seu país é Marcela Serrano. Dentre suas ficções que abordam este assunto encontram-se *Nosotras que nos queremos tanto* (1991), *Para que no me olvides* (1993), *Antigua vida mía* (1995), *El albergue de las mujeres tristes* (1998), *Diez mujeres* (2011) e *La Novena* (2016).

Também identificamos as seguintes obras escritas por literatas chilenas sobre a ditadura: *Un día de octubre en Santiago* (1979), de Carmen Castillo; *En voz baja* (1996), de Alejandra Costamagna; *Escenario de guerra* (2000), de Andrea Jevtanovic; *Mapocho* (2002), *Space Invaders* (2013), *Chilean Electric* (2015) e *La dimensión desconocida* (2016), de Nona Fernández; *Carne de Perra* (2009), de Fátima Sime; *Nadar desnudas* (2012), de Carla Guelfenbein; *La resta* (2015), de Alia Trabucco Zerán; *Álbum Familiar* (2016), de Sara Bertrand; *Coyhaiqueer* (2018), de Ivonne Coñuecar, e *Kramp* (2019), de Maria José Ferrada.

Através desse breve panorama, comprovamos que diversas autoras chilenas versam sobre a temática ditatorial em suas ficções, contribuindo para ampliar nossa percepção desses momentos sangrentos de nosso passado. Embora essas produções sejam publicadas desde o final da década de 1970, notamos que o assunto ainda desperta o interesse das escritoras do país. Assim, inferimos que as feridas causadas pelo golpe de Estado de 1973 e o governo ditatorial ainda não foram cicatrizadas e que os traumas gerados pela ditadura continuam a ser reelaborados por meio da literatura.

Nesse cenário, consideramos fundamental exercer o nosso dever de memória e julgamos que o estudo da escrita de obras de autoras latino-americanas sobre a época ditatorial é um caminho produtivo para realizarmos esta tarefa. Dentre as diversas possibilidades de tratar esta temática, selecionamos o segundo romance da escritora chilena Marcela Serrano, *Para que no me olvides* (1993), pois constatamos que o assunto perpassa sua produção literária e que a narrativa escolhida apresenta uma relevante perspectiva da atuação das mulheres durante a última ditadura chilena e o processo de redemocratização do país. Contudo, antes de iniciar nossa leitura da referida ficção, apresentamos uma

sucinta contextualização do período histórico que está presente na narrativa de Serrano.

3 Considerações sobre a história chilena recente: ditadura e redemocratização

No século XX, a consolidação da democracia na América Latina sofreu várias rupturas devido aos golpes de Estado protagonizados por militares, seguidos da implantação de regimes ditatoriais em diversos países. Uma das nações afetadas foi o Chile, o qual possuía um desenvolvido sistema pluripartidário, desestabilizado em 11 de setembro de 1973 quando os militares, liderados por Augusto Pinochet Ugarte, bombardearam o Palácio de la Moneda, levando à morte o presidente Salvador Allende, eleito democraticamente. Vários estudiosos consideram que o referido golpe foi o mais cruento da América Latina, pois

Nos primeiros dias após o bombardeio do palácio La Moneda, milhares de pessoas foram levadas ao Estádio Nacional, em Santiago do Chile, submetidas a interrogatórios, surras e toda sorte de arbitrariedade. Cerca de mil detidos foram sumariamente executados. Os direitos civis foram suspensos e a população devia obedecer ao toque de recolher, enquanto casas eram invadidas e os suspeitos de contrariar a nova ordem, levados na calada da noite, muitas vezes para nunca mais voltar. (PRADO; PELLEGRINO, 2021, p. 179).

Essas violações aos direitos humanos vigoraram durante 17 anos, nos quais Pinochet liderou um governo sanguinário que promovia o terror, a intimidação e a censura. Nesse período,

Tomou forma um regime contra-revolucionário que, em nome da cruzada contra o comunismo, rechaçou a culpada fraqueza da democracia representativa e impôs seu próprio projeto socioeconômico. Seria fundada uma democracia “protegida”, “sem riscos”, baseada numa reestruturação capitalista e na consequente reorganização da sociedade. (BETHELL, 2015, p.225)

O fragmento desvela a mentalidade conservadora dos militares chilenos, a qual foi cultivada pelas agências de inteligência norte-americanas e

encontrou apoio da elite do país e de setores da classe média. Além disso, mostra o fascínio que o mercado exerceu nestes grupos que culminou com a revogação das mudanças sociais implantadas no governo de Allende. Aliás, não somente as empresas e as terras confiscadas foram restituídas ao setor privado, mas

[...] a privatização estendeu-se também às empresas que desde muito estavam sob o controle do governo, bem como, dentro dos limites do possível, à saúde pública, à educação e ao sistema de aposentadoria. A liberalização do comércio prejudicou a indústria do país, mas também teve o efeito de reduzir o tamanho do proletariado. (BETHELL, 2015, p.225)

Ademais de coordenar as graves violações dos direitos humanos e sociais dos chilenos, não podemos esquecer que Pinochet foi um dos principais articuladores da chamada Operação Condor que “[...] buscou estabelecer a cooperação entre os regimes ditatoriais na América do Sul, para investigar, informar e combater os focos de ‘subversão’.” (BETHELL, 2015, p.180). Dessa forma, intensificou-se a perseguição aos militantes de esquerda no nosso continente, a qual era respaldada pelo governo dos Estados Unidos.

Interessa-nos salientar que a última ditadura chilena terminou apenas em 1990. Neste ano foi implantada a *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación* (*Comisión Rettig*, 1990-1991) que tinha a tarefa de investigar as atrocidades ocorridas nos anos ditatoriais. A referida comissão registrou a execução e o desaparecimento de 2298 pessoas por motivações políticas. Também identificou o papel dos agentes do Estado nesses acontecimentos sangrentos, fez recomendações para a reparação simbólica e socioeconômica às vítimas e sugeriu modificações institucionais para prevenir futuras violações aos direitos humanos. Além disso, contribuiu com a denúncia e visibilização das barbáries cometidas neste regime ditatorial.

Embora o trabalho mencionado tenha sido extremamente valioso, a referida comissão não se dedicou à questão dos presos políticos e da tortura que sofreram pelos agentes do Estado. Assim, os ex-presos políticos se organizaram e pressionaram a criação da *Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura*,

conhecida como Comisión Valech, a qual foi instaurada em 2003. Sua função era investigar e coletar testemunhos de todos os casos de abusos, torturas e assassinatos cometidos durante a última ditadura chilena (1973-1990). Ao final de seu trabalho, esta comissão reconheceu que cerca de 30 mil pessoas sofreram violações de direitos humanos.

Pensamos que a atuação de ambas as comissões impactou o processo de redemocratização do Chile. Contudo, verificamos que as barbáries cometidas no período ditatorial geraram feridas que ainda estão abertas. Dessa maneira, este tema continua a ser abordado em obras literárias e fílmicas, bem como em outras artes. Uma das escritoras que se debruçam frequentemente sobre esta temática é Marcela Serrano, conforme vimos anteriormente. No próximo tópico, examinamos como as personagens femininas de seu segundo romance resistiram às consequências da última ditadura chilena.

4 Para que no me olvides: mulheres, memória, traumas, ditadura e resistência

Consideramos que Marcela Serrano é uma das autoras latino-americanas mais reconhecidas na atualidade. A escritora já publicou catorze livros: *Nosotras que nos queremos tanto* (1991), *Para que no me olvides* (1993), *Antigua vida mía* (1995), *El albergue de las mujeres tristes* (1998), *Nuestra Señora de la Soledad* (1999), *Un mundo raro* (2000), *Lo que está en mi corazón* (2001), *El cristal del miedo* (2002), *Hasta siempre, mujercitas* (2004), *La llorona* (2008), *Diez mujeres* (2011), *Dulce enemiga mía* (2013), *La Novena* (2016) e *El manto* (2019).

Como assinalamos na introdução de nosso estudo, a obra de Serrano foi traduzida para vários idiomas e conquistou alguns prêmios significativos. Entre as principais características de sua escritura podemos apontar o protagonismo feminino, a problematização do papel da mulher na sociedade e a última ditadura chilena, a qual aparece de distintas formas em suas ficções.

Em uma entrevista de 2016 para o site Zenda, a escritora mostra que sua vida foi marcada pelo

governo ditatorial implantando seu país em 1973, pois foi perseguida e precisou exilar-se para sobreviver. Informa que este tema perpassa sua literatura e que estas feridas nunca vão cicatrizar-se em sua geração. Explica que

Yo sé que hasta el día de mi muerte voy a estar absolutamente marcada. Mis hijas ya no, quizás. Ahora, los jóvenes más conscientes estudian lo de la dictadura, reivindican a Salvador Allende, pero ellos tienen vidas elegidas, nosotros no. A ellos no les mataron a sus amigos ni los torturaron. Cada vez que aparece en las noticias algún juicio nuevo, se renuevan todas las antiguas historias. Está todo muy presente. Y cuando escucho cierta música de aquella época, ahí, de repente, me pillo con una pena: ¡Dios mío! ¡No se nos va a quitar nunca esa pena, nunca! (SERRANO, 2016, n.p.)

O fragmento revela que as feridas causadas pela ditadura chilena permanecem vivas para a geração da autora, pois as memórias traumáticas desse período são acionadas em diversas ocasiões. Contudo, Serrano espera que as atrocidades cometidas no regime ditatorial não afetem tanto as novas gerações, uma vez que não sofreram diretamente as violações aos direitos humanos e tiveram a oportunidade de escolher o seu caminho. Além disso, acredita que os jovens de hoje têm consciência das consequências nefastas do golpe de Estado que derrocou o governo eleito de Salvador Allende.

A escritora também aborda o assunto em uma entrevista para o site Vozpopuli, sustentando que o ajuste de contas com a última ditadura chilena será eterno e incluindo-se entre as vítimas. Também relata que

Yo tenía 22 años cuando el golpe de Estado me cambió la vida entera. Todas las decisiones de mi vida giraron alrededor de aquel Golpe. Y claro que quedé con marcas, que a veces son cicatriz y a veces son heridas. Yo sé que la marca estará ahí toda la vida. Ni siquiera pretendo liberarme de la marca, sería inútil, las tendré hasta mi muerte. Pero mi literatura y yo somos esas heridas. Mi literatura es mis heridas. (SERRANO, 2016, n.p.).

Após esse depoimento, a autora afirma que verbalizar é libertador e que quanto mais escritos existirem sobre esse passado, mais saudáveis seremos. Acrescenta que "Las marcas de Chile son las

marcas mías. Van a estar siempre presentes en mí y en mi obra." (SERRANO, 2016, n.p.). Notamos que essas declarações explicitam a influência do período ditatorial chileno na vida e na escritura de Serrano, a qual exercita o dever de memória em suas ficções.

Maria Teresa Cárdenas (2008, n.p.), em "El otro alumbramiento: mujeres escritoras en la literatura chilena", aponta que nos anos de 1970, a vitória de Salvador Allende e o golpe de 1973 influenciaram a cultura do país e, consequentemente, a produção literária de autoria feminina. Explica que o exílio e a censura impuseram um silêncio que foi recomposto somente no final da década de 1980 com o retorno de várias autoras e o surgimento de novas vozes. Uma delas é Marcela Serrano, a qual estreou na literatura em 1991, cuja escritura pode ser compreendida dentro deste contexto. Conforme já informamos, em 1993, veio a público o seu segundo romance, *Para que no me olvides*, selecionado como objeto deste estudo.

Percebemos que o título da narrativa de Serrano foi retirado do poema "*Oración para que no me olvides*", do escritor chileno Oscar Castro (1910-1947), inserido no livro *Rocío en el trébol* (1950). O poema integra várias antologias e foi musicalizado por diversos artistas e grupos musicais, tais como Elio Roca, Arturo Gatica e Los cuatro de Córdoba. Dessa forma, a autora dialoga com um texto poético ícone da cultura popular chilena, o qual pode ser lido como um pedido de preservação da memória.

O romance está estruturado em três partes: "La ciudad", "El mar" e "El campo". Esta divisão refere-se aos lugares que marcaram um ano da trajetória da protagonista Blanca, caracterizada como uma mulher rica que vive uma tediosa rotina de dona de casa até os quarenta anos, momento em que descobre os horrores cometidos na última ditadura chilena através do contato com uma família que luta por justiça para Bernardo, um desaparecido, e envolve-se com Gringo, um ex-presos político que foi torturado. Essa relação provoca o fim de seu casamento convencional e, posteriormente, a personagem sofre um AVC, causando-lhe afasia. Ao perder a capacidade de se expressar com palavras ela mergulha em suas recordações, rememorando as

etapas de sua vida que abarcam o período de 1950 a 1991.

A narração é feita em primeira pessoa por Blanca, mas também há trechos com monólogos interiores de sua cunhada Sofia, uma psicóloga, e Victoria, uma mãe solo e filha de um desaparecido, nos quais a narradora personagem rememora algumas conversações com suas amigas. Interessa-nos assinalar que Sofia e Victoria tornam-se amigas de Blanca e provocam importantes mudanças em suas atitudes. Assim, por meio deste trio os leitores entram em contato com três diferentes visões de mundo que revisitam a última ditadura chilena e relatam o início do processo de redemocratização do país de distintas perspectivas.

Quando examinamos a caracterização de Blanca, observamos que ela pode ser inserida na categoria de anjo do lar, conforme definição de Zolin (2019). Afinal, a personagem depende economicamente do marido, submete-se às normas sociais, dedica-se aos filhos e às tarefas domésticas. Também realiza ações de caridade vinculadas à igreja. Contudo, no decorrer da narrativa, acompanhamos sua transformação de mulher objeto em sujeito de sua história, pois toma um choque de realidade ao atuar como professora particular de um garoto que estava com dificuldades de aprendizagem e descobrir outras facetas de seu país, passando a questionar o seu comportamento e o de sua família.

A primeira parte do romance, “La ciudad” descreve a rotina de Blanca em Santiago, abarcando importantes momentos de sua trajetória, tais como o contato com Victoria e sua família, sua relação familiar marcada pelo machismo do marido e pelas convenções sociais impostas pela mãe e pelos irmãos, o caso extraconjugal com Gringo e a descoberta dos horrores da última ditadura chilena. Já a segunda, “El mar”, abarca a viagem do casal para Puerto Vallarta para comemoração dos quarenta anos da protagonista, sua passagem por Nueva York e a violenta separação. Por fim, a última parte “El campo”, gira em torno do tratamento da afasia de Blanca, a partida de Gringo para a Austrália e a mudança da protagonista para a casa de campo herdada de sua avó.

Logo no início do relato somos apresentados ao acidente vascular cerebral que vai transformar a vida de Blanca, pois ela perde a capacidade de usar a linguagem verbal com fluidez e volta-se para o seu mundo interior, no qual a memória vai ocupar um espaço central. A protagonista está consciente dessa transformação e explica que: “Algunos confunden el lenguaje con la memoria. Si esta hubiese también partido, claro sería otra soledad. Pero sucede lo inverso: nunca usé la memoria como ahora. En ausencia de otros bienes, ella se agiganta.” (SERRANO, 2011, p.21). Eis a valorização do papel da memória como forma de resistência às adversidades.

Dentre as recordações de Blanca, merece destaque sua relação com Victoria, a qual considera responsável pelo início de sua mudança. Ela revela que “El éxito era el mandato principal de la familia. Y en eso estaba yo, tratando de cumplirlo con toda naturalidad, cuando conocí a Victoria, y se me empezó a transtornar la vida.” (SERRANO, 2011, p.31). O fragmento questiona os valores da tradicional família da protagonista, preocupada apenas com o sucesso material, e mostra que ela atuava de maneira alienada até conhecer a família da amiga. Relata ainda que

Mi título de profesora estaba guardado en el cajon de la antigua cómoda de caoba, regalo de matrimonio de mi abuela. La pelusa de polvo que cubría ese cartón universitario lo decía todo. No lo necesitaba para ganarme la vida ni para acreditarme ante nadie. ¿sabes cuántos títulos igual a ese hay en el país, sabes lo poco que vales?, preguntaba Juan Luis, irónico, olvidando, parece, la responsabilidad que le cabía en su adquisición. De todos modos, los trabajos que yo hacía eran todos ligados a la beneficencia, nunca fueron remunerados. En mi familia los hombres eran todos solventes y sus esposas no debían inquietarse con el tema. (SERRANO, 2011, p.31)

A citação explicita a opressão praticada por seu marido, Juan Luis, quem desvalorizava seus conhecimentos e exercia o tradicional papel de macho provedor, impedindo que Blanca tivesse um trabalho remunerado. Ele também desvaloriza o papel da educação ao dizer que há muitos diplomas no país e que valem pouco. Além disso, a protagonista evidencia que a concepção patriarcal das funções masculinas e

femininas era reproduzida por quase todos os seus familiares. Descobrimos que a única exceção foi o seu irmão Alfonso que se separou da primeira mulher e casou-se com Sofia, uma psicóloga. É interessante registrar que a separação foi vista como uma tragédia pela família. Para a protagonista, esta reação pode ser explicada devido a educação recebida desde a infância, segundo a qual os casamentos eram indissolúveis. Acrescenta que a cunhada não se enquadrava no padrão familiar de feminilidade, uma vez que

Sofía usaba colonias de hombre y no había filtro entre su pensamiento y su palabra. [...] Se tomaba la profesión en serio y las formas bastante en broma. Trabajaba en un hospital – donde conoció a Alfonso –, además de su consulta. Cosa rara para mí: se ganaba la vida y no necesitaba el dinero de Alfonso. Era mayor que él, opinaba de política en la mesa sin comulgar precisamente con nuestras ideas, y más encima cargaba con uno de esos apellidos modernos, como recalcó mamá. Una self-made woman. (SERRANO, 2011, p.34)

O fragmento evidencia algumas características da psicóloga, tais como a independência, o desprezo às normas convencionais e a criticidade, as quais rompem com a visão estereotipada de mulher presente na família da protagonista. Interessa-nos assinalar que Blanca se espanta com o fato dela ter autonomia financeira, dado que essa atitude entra em conflito com os valores familiares. De acordo com a protagonista, a cunhada provocou a sua transformação ao lhe ofertar o trabalho de reforço escolar com Bernardo, o qual possibilitou que ela não só compartilhasse os seus conhecimentos e ressignificasse o diploma de professora que estava empoeirado, mas também descobrisse as mazelas do passado recente do país.

Acreditamos que o primeiro encontro com Bernardo foi significativo para a ampliação da visão de mundo de Blanca. Na ocasião, o garoto informou que o seu nome era uma homenagem ao seu avô, o qual está desaparecido. A protagonista não entendeu a referência e perguntou o motivo do desaparecimento e ele respondeu que não tem muitas informações sobre o episódio e que a família só saberá se está vivo ou morto através dos informes da Comissão. Acrescentou que só conhece o avô pela foto que a mãe e a avó levam

frequentemente ao centro e mostrou-a para a narradora personagem que a descreve:

Era un adulto joven. La oscuridad de su piel, los bigotes y el pelo que nacía temprano en la frente me envolvieron antes que su mirada suave. Pero fue la frase escrita al pie de la foto, con un lápiz a pasta azul y una letra ancha y redonda, la que giró más tarde sobre mí: “Y en cada lírio que tus ojos miren, y en cada trino, cantaré tu nombre.” (SERRANO, 2011, p.39)

Observamos que a descrição humaniza Bernardo. Também é importante registrar que este contato inicial de Blanca com um familiar de uma das vítimas da última ditadura chilena trouxe à tona várias informações que ela desconhecia sobre a realidade do país, tais como a existência de desaparecidos, o movimento de luta pela verdade e pela justiça e o funcionamento da Comissão da Verdade e Reconciliação. Consideramos que o choque de realidade ter sido realizado por uma criança é bastante emblemático, dado que supostamente os adultos possuem mais conhecimento de mundo. Dessa forma, essa estratégia enfatiza a inocência da protagonista. Ademais, o fragmento apresenta versos do poema “*Oración para que no me olvides*”, de Oscar Castro, o qual nomeia o romance de Serrano, como registramos anteriormente, que invocam a persistência da memória, representando o dever de recordar os desaparecidos.

Somente depois de outros encontros da protagonista com Bernardo, Blanca e Victoria se conhecem. A narradora ressalta as diferenças físicas entre elas: “Llevaba ese mismo peinado desde los cinco años, clara cabellera de Príncipe Valiente, siempre bien recortada, la salvación para las lisas sin mucho pelo como yo. Los voluminosos rizos negros de esta mujer a mi lado me sometían al más total contraste.” (SERRANO, 2011, p.46). Além dessas oposições, somos informados de que Blanca é alta e loira enquanto Victoria é morena e baixa. Cabe frisar ainda que a primeira é oriunda da classe alta e a segunda é pobre. No entanto, apesar dessas dissimetrias, elas tornam-se amigas.

Blanca ainda admira a independência de Victoria e impressiona-se com sua atuação como poeta. Além disso, registra a sua relação conflitiva com sua

mãe e suas depressões. Percebemos que as principais marcas da personagem são a beleza, a sensibilidade, a vulnerabilidade e a independência. Apesar dessas qualidades, os traumas causados pela ditadura impedem que ela se desenvolva plenamente, visto ter constantes crises depressivas.

Victoria explica que Sofia considera que sua depressão é fruto da raiva contra si mesma. Também somos informados que a psicóloga “[...] solo se deprimió el 11 de septiembre de 1973. Ese día no se levantó de la cama, pidió que no le abrieran ni siquiera las persianas, tendida a oscuras, sin hablar ni comer. La única vez.” (SERRANO, 2011, p.63). Por outro lado, a protagonista registra que não há pessoas deprimidas em sua família. Sofia opina que isso ocorre devido ao controle aristocrático imposto pela avó que não deixou espaço para as manifestações de sentimentos.

Pensamos que estas diferenças no enfrentamento da depressão também se refletem nas atitudes adotadas pelas personagens diante do golpe de Estado de 1973 e do governo ditatorial. Afinal, Victoria perdeu o seu pai, foi presa e torturada, adoecendo mentalmente. Já Sofia deprimiu-se no dia da ruptura democrática, mas depois dedicou-se a ajudar às vítimas da ditadura a superar os traumas. Por sua vez, Blanca ignorava os horrores que estavam ocorrendo no país.

Acreditamos que a vivência traumática de Victoria, embora seja uma história individual, representa as consequências da ditadura para o grupo de filhos de desaparecidos, o qual foi extremamente afetado pelo governo ditatorial chileno. A personagem explica que

Siempre vuelvo a la casa de mi madre. En lo aparente es ella quien me ayuda a mí. Pero, en el fondo, yo me siento responsable de ella y no soy capaz de abandonarla. ¿Sabes, Blanca? No sé quiénes lo han pasado peor: ellas, las mujeres de los desaparecidos, o nosotros. Creeme, los hijos hemos llevado una buena carga. Si no, pregúntamelo a mí. (SERRANO, 2011, p.65)

O fragmento desvela que tanto as mulheres quanto os filhos dos desaparecidos sofreram traumas causados pela ditadura devido a desconhecerem o paradeiro de seus familiares. Além disso, os filhos

tiveram que assumir responsabilidades que não eram de sua competência porque

Nosotros debíamos rehabilitar la imagen de nuestro padre y de la familia. Debíamos ser buenos estudiantes, buenos profesionales, tener buenos matrimonios. Nuestra obligación era ser fuertes y salir adelante para demostrar que, a pesar de todo lo que nos habían hecho, no nos habían derrotado. (SERRANO, 2011, p.161)

Nesta passagem problematiza-se a pesada carga que os filhos dos desaparecidos tiveram que enfrentar, devendo se sobressair em diversas áreas e escondendo suas vulnerabilidades. Para Victoria, eles exerceram uma dupla tarefa, pois

Debíamos vivir alrededor de la familia, organizada en torno a nuestro drama, que nos impedía cualquier autonomía. Sin embargo, también debíamos ser el puente de mamá con la vida. Yo sentía que mi deber era comenzar a vivir cuando ella dejó de hacerlo y demostrar que me la podía, a pesar de mi trauma. (SERRANO, 2011, p.161)

A citação explicita a situação paradoxal dos filhos das vítimas da última ditadura chilena. Victoria ainda revela que foi torturada devido as buscas pelo pai desaparecido. Na prisão, ela conhece o Gringo e conta que

Su historia es rara pero simple. Lo tomaron porque había escondido a un amigo suyo que era buscado. Él no tenía nada que ver. Estudiaba en la universidad, vivía entre sus libros y la política era una referencia filosófica, no una actividad ni una actitud de vida. Este es el caso, literalmente, de una víctima inocente. Estuvo preso un buen tiempo. Lo torturaron hasta el cansancio, hasta que encontraron a su amigo. Cuando lo hubieron matado frente a sus ojos, lo soltaron. Pero luego lo persiguieron y él se esfumó. El único compañero a mi alrededor que fue permanentemente torturado por mujeres. Como si ser tan bello fuese su pecado... (SERRANO, 2011, p.79)

Este episódio desvela a perversidade do governo ditatorial chileno que violou os direitos humanos de inúmeras pessoas. Neste caso, a crueldade é acentuada, pois trata-se da prisão e da tortura de um inocente que, inclusive, viu o amigo ser

morto. Victoria também relata sua experiência no cárcere da ditadura:

Esto nunca se lo he contado a nadie, Blanca. La primera vez que me tiraron a ese sucucho, yo era un desecho humano. Habían estado interrogandome sobre mis pasos en la búsqueda de mi padre – fue por eso que me tomaron – y querían la información de las redes del partido y de los que andaban en esas búsquedas. Yo hablé, como hablaron casi todos. Luego de hablar, para hacer más sólida la culpa y el odio hacia mi misma, me violaron. No sé cuantas veces ni cuantos hombres „„ me hicieron mucho daño. Terminada la sesión, me tiraron desnuda a una celda. (SERRANO, 2011, p.242).

Neste trecho, Victoria confessa que sofreu tortura física e psicológica, além de ter sido estuprada enquanto esteve presa, explicitando a desumanidade do governo ditatorial. Ao lermos seu depoimento, evidencia-se a complexidade de verbalização dessa experiência dolorosa. Sofia explica que

Es muy difícil, Blanca, hablar de la tortura. Yo lo sé bien por mis pacientes, no en vano me he especializado en estos temas. Ni la verguenza, ni la negación son suficientes para explicar lo que encierra este silencio. Aunque una parte de la tortura se transforme en palabras, hay otra parte que sencillamente no puede ser expresada. No hay lenguaje. El Gringo guarda adentro una cantidad de horror imposible de ser dicho. (SERRANO, 2011, p.191)

Nesta declaração, a psicóloga problematiza os caminhos da superação da tortura, dado que a vergonha e a negação são insuficientes para explicar o silêncio das vítimas torturadas, bem como a impossibilidade de a linguagem expressar tamanhas atrocidades. Entretanto, contar essa experiência traumática é importante para superá-la. Como vimos, Victoria conseguiu relatar o horror de sua tortura para Blanca. Gringo também expôs os horrores que vivenciou para a Comissão de Verdade e Reconhecimento. Durante esse processo, ele recebeu o apoio da protagonista que confessa que nesse momento

Supe que en mí ya no era la pura misericórdia. Supe que entrando en el dolor ya no se volvía atrás. Supe que abrir mis brazos a la decomposición de este lado de

la ciudad era un llamado a mi vacío, no de mi santidad. Igual yo había cruzado la ciudad, y algunos caminos son irreversibles. (SERRANO, 2011, p.117)

O fragmento revela que Blanca está consciente de ter abandonado a segurança e o vazio de sua vida ao entrar em contato com as dores das vítimas da ditadura. Ela se solidariza com o seu sofrimento e amplia sua visão da história recente de seu país, compreendendo as barbáries que foram cometidas pelo governo ditatorial. Também registra que

Sí, el Gringo fue hoy a declarar. Anduvo taciturno y lejano los días previos. Hoy debió contar de lo que fue testigo. Tuvo que recordar cada suspiro final que llevó a su amigo a la muerte. Tuvo que verbalizar lo que nunca verbalizó, lo que su memoria recuerda día a día, noche a noche todos estos años. Su precisión fue exacta. Sus palabras no lo habían sido hasta hoy. (SERRANO, 2011, p.117)

Ao escutá-lo, a protagonista acessa suas memórias traumáticas e consegue compreendê-lo. Também evidencia como foi doloroso o processo de rememorar o seu passado. Aliás, mesmo depois de sua declaração à comissão, o Gringo ainda se sente ferido pelas palavras que precisou pronunciar sobre a experiência no cárcere da ditadura. Explica que “El dolor se quedó en mi mundo interno. Eso sucede con la tortura, Blanca: es la muerte o la alienación.” (SERRANO, 2011, p.118). Embora esta confissão apresente só dois caminhos para o enfrentamento da tortura, acreditamos que é possível confrontá-la através da verbalização da dolorosa vivência. Aliás, somos informados que o depoimento do personagem o ajudou a superar a sua impotência sexual, iniciando um processo de cura que vai culminar com sua partida do país. Desse modo, ele resistiu à morte, dado que planeja construir novos capítulos de sua vida e contribuiu com o processo de conscientização da protagonista. Também combateu a alienação, pois enfrentou seus medos e contribuiu com a conscientização da protagonista.

No romance, além de acompanhar o percurso de libertação de Gringo, Blanca também testemunhou a participação da família de Victoria durante sua declaração oficial à Comissão. Porém, ela só entendeu

essa vivência depois das explicações de Sofia. A psicóloga esclareceu que neste momento

Empezaron una nueva búsqueda, ya no la de su padre, sino la búsqueda en la memoria, de datos, testimonios y recuerdos, reconstruyendo fichas, radiografías dentales, huesos. Todo ello ha movilizado en Victoria angustias y culpas en torno a su papá y a la posibilidad de corroborar su muerte. (SERRANO, 2011, p.155)

A citação mostra a importância da preservação da memória na busca pela justiça do desaparecimento do pai de Victoria, sequestrado e assassinado pela ditadura, embora tenha causado novas dores à personagem. Sofia conta que este dever de memória afetou muitas vítimas da ditadura porque

Cuando salieron las primeras noticias en los diarios, ellas nos confirmaron que no había sido una fantasía alucinatória, sino que realmente la gente había sido detenida, desaparecida, asesinada y luego enterrada sin sepultura. Fue como aprobar el examen de realidad negado durante años. (SERRANO, 2011, p.155)

Neste fragmento explicita-se a perversidade do governo ditatorial e a relevância do trabalho da Comissão Nacional de Verdade e Reconciliação que cumpriu a tarefa de comprovar e visibilizar as violações aos direitos humanos que foram cometidas durante a última ditadura chilena. A psicóloga também critica a ausência de interesse de Blanca em conhecer essas atrocidades: “Todos miran con esos mismos ojos tuyos, que callan educados, pero que por dentro gritan: no sigas, no quiero saber, no me envenenes.” (SERRANO, 2011, p.155). A passagem revela que a alienação não foi uma postura adotada apenas pela protagonista, mas por muitos chilenos.

É importante destacar que Blanca se arrependeu de sua omissão. Ao conhecer essas bárbaries, confessa que “Esa noche prendí la televisión, me golpearon unos mea culpa que traté de sentir sinceros. Cambié de canal y un militar se defendía. En el otro, un antiguo dirigente casi lloraba. Se había dado a conocer al país el Informe de la Comisión de Verdad y Reconciliación.” (SERRANO, 2011, p.155). Nesta declaração, a protagonista revela o seu arrependimento

por não ter combatido os horrores da última ditadura chilena. Também mostra a divisão da sociedade sobre este sangrento período no momento de apresentação do relatório da Comissão. Aliás, no romance, o trabalho deste grupo é lembrado por Sofia:

Ese día, el más importante en años para la familia de Victoria, el día que fueron a declarar... ¿Recuerdas como se arreglaron? Recuerdas el traje sastre impecable de la señora Yolanda, guardado años en el ropero para una ocasión como esa? ¿Recuerdas como les repartimos Tricalmas, medio Tricalma por cabeza? ¿Te acuerdas de como te enojaste con Lorena ese día y como te agradeció Victoria el que te hicieras cargo? ¿Te acuerdas de que estaba volada y no quería asistir, y antes que su madre la viera, tu la llevaste al baño, la obligaste a mojarse la cara, a maquillarse, a despertar del letargo? Y tu llegaste en el Peugeot, despachaste el taxi que ellas habían contratado y las subiste como si fueran a un matrimonio. ¿Recuerdas como Victoria se tomó su pelo inmenso, como se despejó su cara para dar mejor impresión a los abogados y a la Comisión y te preguntó ansiosa: dime, Blanca, con el pelo así, ¿me veo más respetable? ¿Recuerdas el efecto de la bandera chilena, y el orgullo de la señora Yolanda? Ella iba a declarar ante el Estado de Chile, no a una comisión más de derechos humanos, nacional o internacional. Esta vez iba a contar su historia al primer organismo público de su propio país después de todos esos años. Ella te lo dijo, ¿recuerdas? Por años he esperado este momento, es toda la diferencia, Blanquita, contarles mi historia a ellos que a cualquier otro. Por eso voy cargada de papeles y evidencias, por eso quiero a la familia completa conmigo, porque entienda, Blanquita, ¡por fin una historia oficial! Y se bajó del auto como la mujer más digna que jamás haya visto. Digna y orgullosa: de su marido, de su pasado, y llena de esperanzas de limpiar al fin su nombre. (SERRANO, 2011, p.189)

Este trecho explicita a importância desse depoimento para a família de Victoria que durante anos buscou notícias sobre o desaparecimento de Bernardo, preservou sua memória e lutou por justiça. Afinal, como diz Yolanda, os abusos do governo ditatorial foram finalmente reconhecidos e agora são oficiais. Assim, ela reconhece o trabalho desenvolvido pela Comissão que devolveu sua dignidade e sente-se livre para orgulhar-se de seu marido, uma vítima da ditadura.

Consideramos relevante registrar o apoio de Blanca aos familiares da amiga, pois ela transportou-os e cuidou de Lorena, irmã de Victoria que estava drogada e não queria participar da sessão. No entanto, Sofía problematiza o comportamento da protagonista:

¿Cuánto tiempo llevas, Blanca, siendo cómplice de historias de horror y borrándolas luego de tu memoria para dormir tranquila, para no pelear con Juan Luis, para trabajar intacta en tus beneficencias, para seguir como siempre, sin un conflicto, viviendo en esa familia tuya, aferrada a su espléndida levedad? (SERRANO, 2011, p.192)

O fragmento sinaliza a passividade da protagonista que, inclusive, pode ser vista como cumplicidade ao regime ditatorial. A psicóloga ainda rememora a seguinte reflexão de Victoria: “¿sabes, Blanca, lo que significó para mí la llegada de la democracia? Que la desaparición de mi papá se hiciese realidad. [...] Luego nos dijo a ambas: somos los leprosos de este regimen.” (SERRANO, 2011, p.191). Nesta passagem a democracia é vista como um recomeço para as vítimas da ditadura, uma vez que as suspeitas dos horrores se materializam. Contudo, a personagem denuncia a discriminação sofrida pelos opositores ao regime ditatorial e os seus familiares na atualidade, pois muitos compatriotas não querem conhecer as atrocidades cometidas nessa época. Depois de recordar essas declarações, a psicóloga questiona a protagonista:

Tu supiste mucho más de lo que habrías elegido, ¿verdad? Fuiste sabiendo, por ejemplo, por que un niño inteligente como Bernardo fallaba en el colegio, ese preciso año, en el momento exacto de la Comisión de Verdad y Reconocimiento y no en otro. Sabías que la familia entera, marcada por la pérdida y el trauma se estaba destruyendo y te hiciste la lesa. (SERRANO, 2011, p.192)

Essas provocações de Sofía desvelam o gradual processo de conscientização de Blanca que através do contato com a família de Bernardo percebeu as graves consequências da ditadura no desenvolvimento do garoto e na saúde de sua mãe. Cabe frisar que essa experiência levou a protagonista a questionar o seu comportamento e mudar algumas

atitudes, bem como a percepção de sua família. Aliás, no final da narrativa ela conquista sua independência e muda-se para o campo com sua filha, construindo um novo capítulo de sua vida.

Contudo, ter conhecido as barbáries do regime ditatorial traumatizaram-na e pode ter causado o AVC que provocou sua afasia. Nesse contexto, surge “[...] una Blanca nueva y furiosa, decidí que jamás habría de hablar de nuevo y que mi voz desaparecía para siempre, en la memoria de los otros y en la propia. Comienza esta extraña liberación.” (SERRANO, 2011, p. 218). Ao escolher o silêncio e mergulhar em suas recordações, a personagem torna-se sujeito de sua história e consegue resistir às consequências da última ditadura chilena. No final de seu relato expressa sua compaixão por Victoria e recorda uma de suas confissões:

!Si hubiese evidencia de la muerte, Blanca! Si hubiese habido ritos funerarios! Estos ritos habrían mitigado la separación. Papá podría haber ocupado social y publicamente el lugar central, equivalente al que ocupaba en mi corazón. Quisiera haberme enlutado, pero ni a ello tuve derecho. (SERRANO, 2011, p.239)

Observamos que o fragmento evidencia a cruel situação de Victoria que teve negado o direito de velar o seu pai, um chileno desaparecido pelo governo ditatorial. Embora sua morte tenha sido reconhecida posteriormente pela Comissão, as feridas causadas pelo golpe de 1973 continuam abertas para os familiares da personagem, tal como para as inúmeras vítimas da última ditadura chilena. Por isso, é necessário continuar a praticar o nosso dever de memória e ler as ficções que abordam a temática ditatorial pode ser um dos caminhos para realizar esta tarefa.

5 Considerações finais

“¿Quieres sumarte también a esa mayoría silenciosa, la que no quiere saber?” (SERRANO, 2011, p.192).

Verificamos que as escritoras latino-americanas se dedicam à temática ditatorial há décadas. No caso do Chile, o assunto continua a

alimentar diversas ficções contemporâneas. Uma das autoras que se destacam nessa vertente literária é Marcela Serrano, a qual foi diretamente afetada pelos desdobramentos do golpe de Estado de 1973 e, inclusive, exilou-se para sobreviver ao governo ditatorial. Como vimos em suas declarações, a escritora revelou que a ditadura marcou sua vida e sua obra, bem como sua geração.

Em *Para que no me olvides*, a temática ditatorial é abordada de distintas perspectivas pelas personagens femininas, mostrando suas consequências no cotidiano não só das vítimas da ditadura, mas também em outras parcelas da sociedade. Percebemos que a ação narrativa está situada no início do processo de redemocratização do Chile e o enredo gira em torno da descoberta de Blanca das barbáries cometidas pelo regime autocrático e do trabalho da Comissão Nacional de Verdade e Reconhecimento. Dessa forma, o romance pode ser lido como parte do arquivo da ditadura, visto que ficcionaliza um momento atroz de nosso passado.

Ao examinarmos a relação da protagonista com o governo ditatorial, percebemos que ela só percebe as crueldades perpetradas contra os opositores após conhecer a família de Victoria e, posteriormente, Gringo. Esse desconhecimento pode ser explicado devido a origem social de Blanca, uma vez que ela é oriunda da classe alta chilena e a elite apoiou a implantação da ditadura. Além disso, sua família seguia as normativas patriarcais e o seu contato com o mundo exterior era restrito.

Contudo, escutar as dores da família de sua amiga Victoria, ela também se sente afetada e rememora essas trágicas histórias quando se torna afásica. Aliás, consideramos que é emblemático que a narradora do romance apresente problemas de linguagem, pois sinaliza a complexidade de verbalização dos horrores cometidos na última ditadura chilena, tal como a tortura. Quando analisamos a trajetória da protagonista, notamos que inicialmente ela era submissa e desinformada, mas logo tornou-se consciente, solidária e crítica. Desse modo, conseguiu escutar as revelações de Victoria e de Gringo, incorporando-as às suas lembranças. Assim, deixou de

ser alienada ou cúmplice e passou a ser uma guardiã da memória.

Cabe frisar que as provocações de Sofia foram relevantes para o processo de conscientização de Blanca. Notamos que a psicóloga manteve sua independência intelectual e desafiou os padrões da família da protagonista. Também foi responsável por aproximar Blanca e Victoria, a qual foi sua paciente. Além disso, confrontou a protagonista em diversas ocasiões, oportunizando que ela repensasse suas atitudes. Nesse sentido, percebemos que ela contribuiu tanto para a conscientização de Blanca quanto para a recuperação da sanidade de Victoria.

Pensamos que a vivência da família de Bernardo representa a história de inúmeras vítimas da última ditadura chilena. Cabe frisar que apesar das adversidades, seus familiares lutaram para que o seu desaparecimento fosse desvendado. Aliás, esse foi o motivo da prisão de Victoria que embora tenha sido presa e torturada, não abandonou a busca pelo pai desaparecido e tentou superar os traumas através de terapia e medicação. Por meio de suas conversas com Blanca conhecemos as violações aos direitos humanos que foram praticadas no governo ditatorial, tais como o desaparecimento de seu pai e as torturas de que ela e o Gringo foram vítimas.

Notamos que estas atrocidades também afetaram outras gerações, como vemos na trajetória de Bernardo, o qual foi privado de conhecer o seu avô e teve o seu processo de aprendizagem prejudicado durante o trabalho da Comissão. É importante registrar que a mãe e a irmã de Victoria também sofreram as consequências da ditadura, uma vez que o desaparecimento de Bernardo as traumatizou. Assim, toda a família foi abalada pela desumanidade do governo ditatorial, explicitando os impactos dos sequestros e assassinatos arbitrários no cotidiano das vítimas.

Ressaltamos que Victoria e sua mãe Yolanda não abandonaram a busca por Bernardo, preservando sua memória e lutando por justiça. Dessa forma, empreenderam diversas ações para que ele não fosse esquecido. Uma delas foi a manifestação em espaços públicos, na qual levavam sua foto. Outra refere-se ao

depoimento à Comissão da Verdade e Reconhecimento. Nesse sentido, sua história individual entrelaça-se com a história coletiva, denunciando não só as violações de direitos humanos executadas na última ditadura chilena, mas também a resistência das mulheres.

Observamos que as personagens femininas da narrativa de Serrano mostraram diferentes perspectivas da época ditatorial. Por um lado, Victoria e sua mãe foram vítimas da ditadura. Por outro, Sofia desempenhou o papel de questionadora do regime e deu suporte psicológico aos pacientes traumatizados. Por sua vez, Blanca conheceu tardiamente essa dolorida realidade e apoiou a família de Victoria e Gringo durante o depoimento à Comissão. Também escutou e rememorou suas experiências traumáticas, evidenciando a importância de preservar essa memória. Ao recordar esses momentos e diálogos, ela recusa-se a fazer parte da maioria silenciosa que não quer conhecer as barbáries cometidas pela ditadura, conforme exposto na epígrafe que inaugura a parte final do presente estudo.

Consideramos que a mudança de atitudes de Blanca só foi possível devido ao contato com suas amigas. Victoria explica que “Lo bello de nuestra amistad es cuánto hemos transformado una a la otra, por la pura fuerza del cariño. Ninguna de las tres somos las mismas, por el solo hecho de habernos querido.” (SERRANO, 2011, p.244). Desse modo, desvela-se a força da amizade entre as três mulheres que conseguiu convertê-las em pessoas melhores e contribuiu para que elas enfrentassem as consequências da última ditadura chilena coletivamente. Afinal, seu encontro proporcionou que Victoria contasse suas experiências traumáticas à Blanca e Sofia, verbalizando os horrores da tortura e as feridas causadas pelo desaparecimento de seu pai. Por sua vez, a protagonista superou a alienação e praticou o seu dever de memória ao escutar as dores dos familiares de um desaparecido e de um ex-presos político, recordando-as em sua narração para que não sejam esquecidas. Em outras palavras, lembrar é resistir.

Referências

- BETHELL, L. *História da América Latina*. São Paulo: Edusp, 2015.
- BRANCHER, A. Ser revolucionária e escritora durante os últimos governos ditatoriais no Cone Sul – o gênero nas letras. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/18071384.2013v10n1p168>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- CÁRDENAS, M. T. *El otro alumbramiento*: mujeres escritoras en la literatura chilena. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071823762008000100014. Acesso em: 10 mar. 2023.
- FIGUEIREDO, E. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- GUARDIA, S. B. *Literatura e escrita feminina na América Latina*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/21757917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- PAZ-MACKAY, M. S. *Historia, memoria y novela en la Argentina de la posdictadura*. La cuestión de la responsabilidad extendida. Buenos Aires: Biblos, 2017.
- PRADO, M. L.; PELLEGRINO, G. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2016.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed UNICAMP, 2007.
- SARLO, B. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SERRANO, M. *Para que no me olvides*. Buenos Aires: Alfaguara, 2011.
- ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: ZOLIN, L. O.; BONNICI, T. (Orgs.) *Teoria literária*: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2019.